

Objetos, fontes e metodologias para a pesquisa em histórias das doenças: os emblemas e sinais na literatura

Objects, sources and methodologies for research in history of diseases: the signs and emblems in the literature

Rozélia Bezerra

Professora Adjunto do Departamento de História. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Memória e Imaginário da Literatura Africana e Brasileira. Professora e Pesquisadora em História das Doenças e as representações literárias. Professora e Pesquisadora em História da Alimentação.

Resumo: Conforme se viu na chamada de trabalhos para a composição deste Dossiê temático, as pesquisas sobre as doenças, no Piauí “ainda são escassas, identificando-se os primeiros trabalhos em nível de pós-graduação, ainda isolados, nos anos 2000”. Portanto, a reivindicação para escrever sobre a História da Saúde e das Doenças, apontando seus objetos, fontes e metodologias, constitui uma demanda do grupo de pesquisa em História das Ciências e da Saúde no Piauí. Diante disso, mas sem pretender fazer um estudo totalizante, em sua primeira parte, o presente trabalho faz apontamentos de fontes literárias, nas quais podem ser detectadas os emblemas, os mitos e os sinais das doenças de várias etiologias. A segunda parte do artigo se destina a mostrar uma pesquisa de natureza qualitativa. Usando-se o paradigma indiciário e venatório (GINZBURG: 2009) foi possível elaborar uma lista de obras literárias que tratam de afecções patológicas. Destacando um romance piauiense que estava desaparecido, desde seu lançamento no século XIX, mas que foi achado em 2009 e republicado em 2018, na cidade Teresina, pela EDUFPI¹. Trata-se da obra *Georgina ou os efeitos do amor*, escrito por Luiza Amélia de Queiroz, o qual faz alusões à Melancolia ou apresenta seus emblemas e sinais.

Palavras chave: História; Literatura; Doenças; Melancolia; Piauí.

Abstract: As seen in the call for papers for the composition of this thematic Dossier, research on diseases in Piauí “is still scarce, identifying the first works at the postgraduate level, still isolated, in the 2000s”. Therefore, the claim to write about the History of Health and Diseases, pointing out its objects, sources and methodologies, constitutes a demand from the research group on History of Sciences and Health in Piauí. Given this, but without intending to make a totalizing study, in its first part, the present work makes notes of literary sources, in which the emblems, myths and signs of diseases of various etiologies can be detected. The second part of the article is intended to show a qualitative research. Using the indicative and venatory paradigm (GINZBURG, 2009) it was possible to draw up a list of literary works that deal with pathological disorders. Highlighting a Piauí novel that had been missing since its release in the 19th century, but which was found in 2009 and republished in 2018, in the city of Teresina, by EDUFPI. It is the work “Georgina or the effects of love”, written by Luiza Amélia de Queiroz, which alludes to Melancholia or presents its emblems and signs.

Keywords: History; Literature; Diseases; Melancholy; Piaui.

1. Trata-se da 2ª Edição, do romance *Georgina ou os efeitos do amor e outros escritos inéditos*. Escrito por Luiza Amélia de Queiroz, com a primeira edição em 1893, desapareceu logo em seguida, o que o fez integrar o “Cânone

E por que falar sobre isso?

Ao que tudo indica, a reivindicação para escrever História da Saúde e das Doenças seus objetos, fontes e metodologias, constitui uma demanda real e sentida pelo grupo de pesquisa em História das Ciências e da Saúde no Piauí (SANA). Apesar das orientações do Dossiê fazerem referência ao estudo das epidemias e pandemias, ele deu um novelo de lã que resolvi desenrolar para ir “além de aspectos relativos ao trato teórico-metodológico e à constituição da utilização acervos de fontes primárias que possibilitem a vivacidade das pesquisas com a construção de novos objetos”. Assim, buscando atender à demanda do Dossiê, buscou-se colaborar novos temas de pesquisa, outras metodologias e sugerir outras fontes. Portanto, faz-se necessário um apontamento de que o presente trabalho não falará de epidemias ou pandemias.

Diante disso, mas sem pretender fazer um estudo totalizante, em sua primeira parte, o presente trabalho faz apontamentos de fontes literárias, nas quais podem ser detectadas os emblemas, os mitos e os sinais das doenças de várias etiologias. A segunda parte do artigo se destina a mostrar uma pesquisa de natureza qualitativa. Usando-se o paradigma indiciário e venatório (GINZBURG: 2009) foi possível elaborar uma lista de obras literárias que tratam de afecções patológicas. Destacando um romance piauiense que estava desaparecido, desde seu lançamento no século XIX, mas que foi achado em 2009 e republicado em 2018, na cidade Teresina, pela EDUFPI. Trata-se da obra “Georgina ou os efeitos do amor”, escrito por Luiza Amélia de Queiroz, o qual faz alusões à Melancolia ou apresenta seus emblemas e sinais. E por que esta indicação é tão importante? Porque ao se fazer a revisão bibliográfica sobre o tema, o que se percebeu foi um silenciamento, um apagamento de escritas que contemplassem a “estruturação e sistematização da História da Saúde e das Doenças no Piauí”. Porém, isto será abordado melhor na seção dois deste trabalho.

Cito alguns exemplos nos quais busquei essas informações: os trabalhos organizados por Sidney Chalhoub et al (2003) se dedicaram ao estudo das artes e ofícios da cura no Brasil do século XIX e XX, porém não contemplaram nenhum estudo que falasse sobre o Piauí. Outra coletânea de 2004, desta feita organizada por Gilberto Hochman e Diego Armus, analisou o “Cuidar, controlar, curar. Ensaio histórico sobre saúde e doença na América Latina e Caribe”, e, mesmo contemplando estados do Nordeste do Brasil, não incluiu o Piauí. Em 2010, foi a vez de Dilene Raimundo do Nascimento e Diana Maul de Carvalho organizarem a coletânea “Uma história brasileira das doenças”. Pelo menos no volume 3 analisado, não visualizei nenhuma indicação de estudos feitos sobre o Piauí. Outro exemplo é a recente coletânea de textos, organizada por Sebastião Pimentel Franco, Tânia Salgado Pimenta e André Mota (2019), intitulada “No rastro das Províncias. As epidemias no Brasil oitocentista”, que apesar de reunir, entre várias outras, quatro pesquisas sobre as Províncias do Norte do Brasil do século XIX², de novo não houve nenhum

das obras-primas perdidas” do Piauí. Reencontrado em 2009, no Amazonas, teve a 2ª Edição publicada 125 anos após, pela Editora da Universidade Federal do Piauí – EDUFPI.

2. As pesquisas publicadas fazem referência às Províncias da Bahia (p. 61-92), Maranhão (p. 197-218), Pernambuco (p. 303-326) e Sergipe (p. 457-483). In: FRANCO, Sebastião Pimentel; PIMENTA, Tânia Salgado; MOTA, André (2019), Organizadores. *No Rastro das Províncias. As epidemias no Brasil Oitocentista*. Vitória/ES:EDUFS, 2019. Esta mesma obra se encontra disponível on-line no seguinte endereço eletrônico: https://repositorio.ufes.br/bitstream/10/11664/1/digital_no-rastro-das-provincias.pdf, conforme mensagem recebida por e-mail em 23 de abril de 2021.

trabalho sobre a província do Piauí. Chegamos em 2020 e assistiu-se ao lançamento da obra “A Bailarina da Morte. A gripe espanhola no Brasil”, escrito por Lilia M. Schwarcz e Heloisa M Starling. Elas narraram a ocorrência da enfermidade em diferentes estados e cidades do Nordeste do Brasil, deixando de fora o Piauí. Aí, por curiosidade, fui pesquisar algum registro oficial sobre a ocorrência dessa pandemia no Piauí, durante o ano de sua ocorrência. E, com efeito achei o registro da ocorrência da enfermidade, feita através da Mensagem à Câmara Legislativa, enviada pelo Sr. Governador do Estado, datada de 1919, na qual ele fazia a seguinte narrativa

Infelizmente não escapamos à moléstia da guerra – a gripe – que com uma gravidade jamais observada em epidemias anteriores devastou o mundo inteiro... No nosso Estado, o terrível mal teve ingresso em fins do ano passado, sendo os primeiros pontos atacados Amarração, Parnaíba e Teresina...Relativamente a Teresina, a epidemia fez aqui grande número de vítimas acrescentando que muitos enterramentos foram feitos em cemitérios suburbanos sem registro... Em Picos e Oeiras a epidemia grassou com intensidade e virulência, tendo um coeficiente de mortalidade bastante elevado (ESTADO DO PAUÍ, 1919: p. 28-29, com a grafia atualizada)

Trazendo para a maior tragédia sanitária do século XXI, ou seja, a pandemia da Covid-19, a coletânea “Retratos da Vida em Quarentena”, também publicada em 2020, reuniu 19 ensaios, dos quais apenas três narram experiências vividas no Nordeste do Brasil, e mesmo que um dos autores seja natural de São Raimundo Nonato/PI, nenhuma delas tem retratos da quarentena piauiense.

Por que esse silenciamento? Como preencher essa lacuna? Quais seriam as fontes de pesquisas indicadas? Para responder a essas perguntas, proponho uso da Literatura e tentarei mostrar o porquê dessa indicação.

Literatura e História: uma simbiose possível

É da autoria de Ria Lemaire (2000, p. 9) a seguinte questão: “Ler a história como se fosse literatura, ver na literatura a história que se escreve, será que isso é possível? A autora, em página mais adiante, supera esse, aparente, conflito e mostra que, sim, é possível essa simbiose. Afinal “História e literatura reconfiguram um passado” (LEMAIRE, 2000: p. 11). Assim como ela, outros estudiosos e estudiosas, defendem o uso da literatura como fonte para a pesquisa em História, a exemplo de Circe Bittencourt (2008), Sandra Pesavento (2012), Antônio Paulo Rezende (2012), Rafael Ruiz (2012) e Antônio Celso Ferreira (2015).

A contribuição mais recente, para esse campo, veio do estudo organizado por Teresinha Queiroz, Maged Elgebaly e Ronyere Ferreira (2020: p. 11-20). Eles organizaram, em um Dossiê Temático intitulado *História & Literatura*. Os trabalhos realizados por 36 pesquisadores, não só analisaram o tema, como também trouxeram estudos de caso. Na Apresentação do Dossiê, feita por estes estudiosos, existe um trecho que representa e justifica minha escolha de Literatura com fonte para a pesquisa. E, mesmo que seja uma longa citação, creio que ela deva ser anunciada por ser lapidar e por fornecer, mais ainda, subsídio para as pesquisas em História, usando a Li-

literatura como fonte

[...] Embora o historiador tenha consciência de que a literatura, enquanto produto estético, resulta de procedimentos linguísticos e retóricos específicos, sendo dotada de plurissignificações, não se pode perder de vista a noção de que tanto o criador quanto a obra estão imersos em contexto social que também confere sentidos particulares ao produto ficcional. Embora o historiador tenha consciência de que a literatura, enquanto produto estético, resulta de procedimentos linguísticos e retóricos específicos, sendo dotada de plurissignificações, não se pode perder de vista a noção de que tanto o criador quanto a obra estão imersos em contexto social que também confere sentidos particulares ao produto ficcional (QUEIROZ; ELGEBALY; FERRERIA, 2020: p. 12).

1.1 Literatura e Histórias das Doenças: abrindo o leque para descobrir novas plenitudes

Como esta barreira epistemológica e de debates entre Literatura e História foi superada, creio que, agora, é possível aprofundar os estudos, colaborando, assim, com o presente Dossiê. Para tanto, escolheu-se abordar as fontes de pesquisa, tendo, na literatura, seu grande ponto de apoio, ou, como já disse em outro trabalho, usar a fonte literária como se fosse um corrimão, através do qual pesquisadores (e aqui, entenda-se como gênero neutro e não binário) poderão se guiar de maneira segura. Além disso, a literatura dá a oportunidade de se pesquisar outros objetos, dentro do grande tema que é a História das Doenças e da Saúde. E, mesmo que as orientações do Dossiê façam referência ao estudo das epidemias e pandemias, elas forneceram um novo de lá que resolvi desenrolar para ir “além de aspectos relativos ao trato teórico-metodológico e à *constituição da utilização acervos de fontes primárias que possibilitem a vivacidade das pesquisas com a construção de novos objetos*” (o destaque é de minha autoria). E porque escolhi este fragmento de texto para dar “maior vivacidade” à pesquisa? Porque vejo a grande necessidade que se tem de sairmos da “tirania do documento...esquizofrenia dos que sofrem da aridez das regras do determinismo” e porque “Entre o autor do texto e o leitor há sempre um pacto que se constrói no deslumbramento ou na decepção” (REZENDE, 2012: p. 156). E chamo atenção para este último fragmento de texto, porque a compreensão deste “pacto” foi indispensável na análise e para a escrita da segunda parte deste trabalho, a qual teve como fonte de pesquisa, um romance piauiense e por *locus* de estudo o Piauí.

Se as Doenças têm Histórias, como disse Jacques le Goff (1997), a literatura se constitui numa fonte inesgotável de narrativas de doenças, adoecimento, doentes e outros elementos ligados à Cadeia Epidemiológica das enfermidades, representada pelo hospedeiro, susceptível ou não, pelo agente etiológico das doenças, quer sejam de natureza física, química ou biológica, e pelo ambiente, entendendo-se este último como o ambiente biológico, social, econômico, cultural, político, religioso, afetivo, familiar, etc. Talvez, o grande desafio seja para escolher, ou mesmo apontar, as fontes literárias como para a pesquisa histórica, porque, na maioria das vezes, tem-se a literatura como fruição, fuga do real, mero entretenimento e outros usos recreativos que possam lhe dar. Mas, também, há estudos científicos que apontam na direção do uso da li-

teratura como fonte para a História das Doenças. Um desses exemplos é Magali Gouveia (2002: p. 57-98) que usou algumas obras literárias de Lima Barreto para falar da loucura, ou Elizabeth Rochadel Torresini (2007) que, em seus “Ensaio” trouxe uma série de estudos sobre História e Romance Sul-Rio-Grandense e suas narrativas sobre as doenças, doentes e médicos, talvez numa classificação de “Romance Médico”, feita por François Laplantine (2004) mas este é um tema que abordarei mais adiante.

Porém e para não ficar pontilhando exemplos de estudos sobre este tema e objetos de pesquisa, fiz um brevíssimo apanhado de estudos sobre a Literatura e as Doenças. De fato, o que esta parte do trabalho pretende, é mostrar um “indício”, na acepção de Carlo Ginzburg (2009: p. 143) “desse paradigma, amplamente operante de fato”. Ou seja, o que se espera é que, a adoção da “proposta de um método interpretativo centrado sobre os resíduos, sobre os dados marginais, considerados reveladores” (GINZBURG: 2009, p. 149) atue como leque fechado que mostra os indícios de uma imagem e que, ao ser aberto, amplia todas as possibilidades. Em vez desta pesquisa ser um final, seja vista como um meio para ampliar as pesquisas e ver que as fontes literárias e sua metodologia de análise podem ser infinitas. E por que escolhi falar dessa fonte? Existe uma justificativa de natureza pessoal, que é meu amor pela leitura. Depois, existe uma justificativa ampliada que vem de minha prática docente e o uso de literatura para ministrar aula de História das Doenças, na Licenciatura em História e para o bacharelado em Medicina Veterinária, em uma Instituição Federal de Ensino Superior. E, por fim, tem uma justificativa científica que, na minha escolha, começa pelo médico e escritor Moacyr Scliar, em seu livro “A paixão transformada. História da Medicina na Literatura” (SCLIAR: 1996). As palavras dele, na Introdução dessa obra representam, bem, esta união entre objeto e forma de pesquisa

O que eu tenho doutor? O texto médico já não é suficiente para traduzir, conter a ansiedade...E então o médico recorrerá à ficção e à poesia As grandes obras literárias, além de representarem um mergulho na condição humana, situam enfermidade e medicina em seu contexto histórico...Porque a ficção fala sobre a face oculta da medicina e da doença. (SCLIAR:1996, p. 8;10).

Portanto, nos deparamos, de novo, com a possibilidade de buscar o oculto, o que fica nas entrelinhas, nos emblemas e sinais, nos indícios ginzburguianos. E por que ocorreria esse ocultamento? Talvez porque as coisas sejam tão óbvias, referentes à História das Doenças, que não são consideradas como possíveis objetos de pesquisa, isto porque constituem fatos que estão no “mundo dos significados das ações e das relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas” (MINAYO, 2001: p. 22) e, sendo assim, passam a ser naturalizados, fazem parte de uma paisagem que, de tão comum, não é mais olhada e, se olhada, não é vista. Portanto, a escolha de Moacyr Scliar, nesse ponto da pesquisa, tem uma importância suprema porque ela aponta para um objeto que envolve a História da Doença e da saúde. Do que será que ele fala? Ele se refere a algo que pode ser pesquisado nas fontes literárias, virar objeto de pesquisa, algo que, de tão banal, passa sem ser visto e que são as Vozes dos diferentes segmentos ligados à História das Doenças. E que vozes são estas? Elas foram organizadas, estruturadas no Quadro um a seguir (SCLIAR: 1996, p. 7-8).

Quadro 1: A história da Medicina é uma história de vozes.

VOZES DA DOENÇA SEGUNDO O LUGAR DE ELABORAÇÃO E OS TIPOS			
Vozes misteriosas do corpo doente	Vozes inarticuladas do paciente	Vozes articuladas do paciente	Voz articulada do médico
Sopro	Gemido	Queixa	Anamnese
Sibilo	Grito	Relato da doença	Diagnóstico
Borborigmo	Estertor	Perguntas inquietas	Prognóstico
Crepitação			
Estridor			

Fonte: Organizado a partir do livro *A Paixão Transformada* (SCLIAR, 1996, p. 7-8)

Ainda, foi possível identificar os tipos de Vozes que falam da doença, segundo o comportamento de quem emite o som: vozes curiosas, vozes sábias, vozes resignadas e vozes revoltadas. (SCLIAR: 1996, p. 7). Que vozes servirão de objeto de pesquisa, a partir da leitura deste trabalho?

Por fim, o autor fez o registro dos suportes dessas vozes, os quais são uma tentativa de sua perpetuação, ou seja, ele apontou, para pesquisadores da História das Doenças, as fontes de consulta que podem ser usadas. Sim, porque essas vozes podem ser encontradas nos seguintes suportes: “escritas em argila, em pergaminho, em papel; no prontuário, na revista, no livro, na tela do computador”. (SCLIAR: 1996, p. 8). Quantos estudos poderão ser realizados nas cavernas da Serra Capivara a fim de identificar essas vozes? E no livro de literatura? Quem não lembra de Manuel Bandeira (BANDEIRA: 1993) e seu poema “Pneumotórax” descrevendo os sintomas da Tuberculose?

Diante disso tudo, merece ser feito um destaque. Afinal, o leitor ou leitora mais atento/ atenta, poderá entender que estas vozes são, apenas, os indícios de uma História das Doenças, porém eles poderão ser aumentadas infinitamente, deixando de ser, apenas, indícios e sinais, se a percepção de quem está pesquisando seguir os rastros e caçar seu objeto que está oculto nas dobras do tempo. Portanto, eles poderão ter muitos desdobramentos, apontando outras vozes, não um eco, que é o som da própria voz. É preferível comparar com um leque fechado, um leque da História, ou o leque metafórico de Walter Benjamin, quando ele disse que “a faculdade da fantasia é o dom de interpolar no infinitamente pequeno...*descobrir sua nova plenitude*...em suma, tomar cada imagem como se fosse um leque fechado, que só no desdobramento toma fôlego.”(BENJAMIN: 1987, p. 41, o itálico é meu). Que voz ou vozes poderiam ter mais inserção nesse discurso? Quais as novas plenitudes que essas vozes podem alcançar?

A partir dessa classificação de vozes, Moacyr Scliar (1996: p. 12), trouxe uma série de textos literários para apontar os registros da História da Doença. Antes de analisá-las ele explicou o critério de sua escolha na escrita da História da Medicina “É uma história ...cronológica, não temática”. Portanto, fica bem explícita que seu recorte foi de natureza temporal. Quando analisou-se os textos escolhidos por ele, percebeu-se que, além de temporal, seguiu uma História evolutiva, analisando textos médicos antigos, anteriores à era cristã, chegando até a última década do século XX, com um relato do escritor Caio Fernando Abreu, narrando “...Depois de uma semana de espera agoniada, o resultado HIV positivo”. Aqui, já me aproprio de sua metodologia

de análise e faço uma pergunta que poderá ser respondida pela pessoa que tiver acesso a este trabalho: Quais os tipos de voz identificáveis nesse excerto de texto da autoria de Caio Fernando Abreu? Quantas outras narrativas de portadores do vírus hiv passaram por essa angústia?

Continuando nessa tópica, existe um outro trabalho, de muito fôlego, que mostra a literatura como fonte para a História das Doenças, e mais que isto, apresenta uma construção de modelos de análises que podem ser realizados, usando a literatura³. Falo da pesquisa realizada pelo antropólogo François Laplantine (2004). Quando ele fala das “Questões de Método” (p. 11-48) apresenta a literatura como uma possível “via de acesso à doença através do texto literário” (LAPLANTINE, 2003: p. 24). A partir da leitura e análise de 400 obras literárias, ele classificou os textos, conferindo categorias de narrativa sobre a doença, segundo o lugar do narrador, conforme se vê no Quadro dois a seguir, organizado a partir da leitura do trabalho desse autor.

Quadro 2: Acesso à doença através de textos literários, os tipos de narrativas e o lugar do narrador.

Tipos de narrativas literárias segundo o lugar do narrador		
<i>A doença narrada em terceira pessoa</i>	<i>A doença narrada em segunda pessoa</i>	<i>A doença narrada em primeira pessoa</i>
Romance médico	Não é mais o médico que ocupa o centro da narrativa. O personagem principal ou narrador se confrontam com a doença do outro.	Diários da Doença Criação romanesca propriamente dita.

Fonte: Antropologia da Doença. François Laplantine (2004, p24-26)

Existe outro detalhe metodológico, proposto por este autor que vale a pena ser trazido, a fim de colaborar com as pesquisas sobre metodologias de análise, conforme a proposição do Dossiê. A partir das análises literárias, ele, também, elaborou modelos para estudar a etiologia da doença, bem como estudar a terapêutica adotada. Para o autor “Toda sociedade, toda época é obcecada pelo que considera causa por excelência da doença” (LAPLANTINE, 2004:p. 37). Diante disso, ele argumenta que é necessário identificar “palavras-chave” e “ideias-força”, que estão presentes nos textos literários analisado. E, para tanto, é preciso observar qual a frequência que elas aparecem nos textos: são constantes? São esporádicos?

A partir desse ponto do trabalho, já podemos pensar em outro paradigma científico para a História das Doenças, além daquele usado por Carlo Ginzburg (2009)

Portanto, este ponto da pesquisa é fulcral, para quem quiser adotar novas metodologias no campo das Histórias das Doenças. Quando estudei este trecho, várias questões de pesquisa passaram em minha cabeça: Quais as “palavras-chave” e “ideias-força”, que estão presentes nos textos literários analisados? Qual sua frequência nos textos literários? São constantes? São Esporádicos? E, a partir dessas provocações, eu elaboro uma questão que já poderá servir de ponto de partida para a análise do romance piauiense que citarei na segunda parte deste trabalho: Quais as palavras-chave e ideias-força que estão presentes no romance de Luiza Amália de Queiroz,

3. Já usei um desses modelos de análises, para estudar a Tuberculose no século XIX, através da literatura de um autor pernambucano.

sugerindo a ocorrência da Melancolia?

Foi a partir da constante presença dos termos, elaborados sobre o agente etiológico da doença ou sobre sua terapêutica, que Laplantine (2004) criou uma Categoria de Pesquisa organizada em quatro grupos de Modelos Etiológico e quatro grupos de Modelo Terapêutico.

Para que se compreenda, melhor, essa proposta de pesquisa construída por Laplantine (2004) organizei, a partir do seu texto um quadro que organiza suas ideias. Quadro 3 a seguir.

Quadro 3: Grupos de Modelos de Doenças segundo a natureza etiológica e terapêutica.

<i>MODELOS ETIOLÓGICOS</i>		<i>MODELOS TERAPÊUTICOS</i>	
Ontológico	Relacional	Alopático	Homeopático
Exógeno	Endógeno	Exorcista	Adorcista
Subtrativo	Aditivo	Aditivo	Subtrativo
Benéfico	Maléfico	Sedativo	Excitante

Fonte: Antropologia da Doença. LAPLANTINE, François, (2004, p. 38)

A explicação e os desdobramentos desses dois modelos, e quatro grupos, está organizada da seguinte forma: Na Parte II, de livro Antropologia da Doença, se concentra o estudo detalhado do que ele chamou de “As formas elementares da Doença: Modelos Etiológicos (LAPLANTINE: 2004, p. 49-160). Por sua vez, a Parte III, trouxe um estudo sobre “As formas elementares da Cura: Os Modelos Terapêuticos” (LAPLANTINE:2004 p. 161-212). De novo, me aproprio desse paradigma de pesquisa e pergunto sobre o romance de Luiza Amélia de Queiroz: qual o modelo etiológico da doença pode ser usado para explicar a doença que acomete a protagonista desse romance?

Além desses modelos de análises, é grande interesse a lista dos “Textos Literários Utilizados” (LAPLANTINE: 2004, p. 263-271) para a elaboração de sua teoria e dos seus Modelos. Notou-se que, ao contrário de Moacyr Scliar (1996), François Laplantine não fez uma categorização por doenças, nem por tempo cronológico. Apenas escolheu obras literárias de caráter romanesco porque, segundo ele

A literatura, e em particular a literatura romanesca, desenvolve um interesse especial pelo detalhe e pelo detalhe do detalhe, pelos acontecimentos minúsculos e pelos pequenos fatos de que fala Marcel Proust...pela observação escrupulosa dos estados físicos da alma. Ora, essa preocupação pelo microscópico...cai na perspectiva que é, ao mesmo tempo, a do etnólogo e do clínico (LAPLANTINE: 2004, p. 24).

E, nessa mesma página, a consideração que ele fez, sobre o uso das obras literárias, é insofismável “Ficamos particularmente impressionados pelo rigor da descrição das afecções patológicas na literatura” (LAPLANTINE: 2004, p. 24). Entretanto, não nos esqueçamos que, a partir dessa leitura, ele classificou os tipos de narrativa, conforme já se viu no Quadro 2 mostrado anteriormente.

1.2 Muito além da lista de Schindler: o mundo nos livros

E foi a partir dessa caracterização macro de “afecções patológicas na literatura”, dada por Laplantine (2004:p. 24), que elaborei uma lista de textos da literatura, como uma forma de contribuição para esta pesquisa. Porém, e antes disso, preciso fazer uma digressão. Para isso, peço permissão a quem ler este trabalho, a fim de que possa explicar minha lista de livros que, vão muito além da Lista de Schindler, afinal, ele listava pessoas vivas e eu listei pessoas, que, em muitos casos, já estão mortas. Como disse Sabrinna Mourão (2020), uma jovem e brilhante poeta piauiense, de Parnaíba, em seu poema “todo mundo gosta de uma escritora morta”, e, segundo ela, cada uma pessoa tem um motivo para tal

[...] e que todo mundo gosta de uma escritora morta,
não pela obra, isso é o de menos,
mas porque ela era reclusa,
ou fumante,
ou falava com espíritos através de rádios,
porque doou todos os livros da estante e colocou vasos de plantas,
ou catava papéis,
ou porque se jogou pela janela do sétimo andar. (MOURÃO: 2020, p. 36)

Mas, para não fugir do gostar de ler, e da importância do ato de ler literatura, não poderia deixar de fora um excerto da escrita de José Mindlin (2009) e seu amor pelos livros

A literatura já não é um mundo pequeno, e posso imaginar que outras pessoas com paixão parecida com a minha dediquem sua vida, por exemplo, a leituras históricas ou científicas, ou outras quaisquer, o que é uma das características benéficas da leitura em geral. Fiquemos, pois, com a literatura, nela incluindo ensaios e crônicas, gêneros muito atraentes (MINDLIN: 2009, p. 68)

A partir dessa digressão, justifico minha variada indicação de gêneros literários, sim porque quando cito crônicas, trago Rachel de Queiroz. Portanto, minha escolha das obras literárias, sugeridas para leitura é intencional, e digo que ela se origina da apropriação e uso do paradigma venatório, ou seja, da realização de uma caça na literatura lida como fruição, cuja paixão acabou se transformando em fonte de pesquisa para a História das Doenças e, nesse ponto é o único momento que se aproxima de Moacyr Scliar, em suas questões metodológicas. Também, posso dizer que essa escolha se baseou na metodologia de análise proposta por François Laplantine, a partir do momento que identifiquei, nos textos literários, a presença de “palavras-chave e ideias-força” (LAPLANTINE:2004, p. 37) que identificavam ou davam indícios de uma afecção. Porém, essa ideia não exclui o uso do paradigma venatório, elaborado por Carlo Ginzburg (2009: p. 152). Sua característica principal é a “capacidade de, a partir de dados aparentemente negligenciáveis, remontar uma realidade complexa não exprimível diretamente”. Ora, não podemos nos esquecer das vozes, muitas, que foram indicadas por Moacyr Scliar (1996) e que podem passar despercebidas, podem ser negligenciadas por quem lê uma obra literária. Afinal, toda leitura,

para ser apreendida por quem a lê, precisa fazer sentido. Portanto cabe mais uma pergunta: qual o sentido que uma determinada leitura produz em seu leitor? Em seu estudo sobre as categorias de produção do sentido na leitura, Angela Maria Barreto (2006) se apropriou de um fragmento de texto escrito pelo autor alemão Wolfgang Iser (1996) para dizer que “ o sentido do texto é apenas imaginável, pois ele *não é dado explicitamente*” (ISER:1996, p. 75, apud BARRETO: 2006, p. 41, o itálico é de minha autoria). Sendo assim, pergunta-se: onde ele se constrói? A resposta, também é dada pelo alemão anteriormente citado (loc.cit) “apenas na consciência imaginativa do leitor”. Daí, a necessidade de se fazer uso de metodologias de pesquisa que possam colaborar para que se construam perguntas geradas da inquietação e da imaginação do leitor. A fonte de pesquisa, em seu suporte é neutra, cabe, a quem lê, elaborar as questões. Em virtude disso, Michel de Certeau (2005) aponta sobre a necessidade de leitores e leitoras serem caçadores

[...] leitores são viajantes; circulam nas terras alheias *caçando* por conta própria através de campos que não escreveram...seu lugar não é aqui ou lá, um ou outro, mas nem um nem outro, simultaneamente dentro e fora, perdendo um como o outro misturando-os, associando textos adormecidos mas que ele desperta e habita, não sendo nunca seu proprietário. (CERTEAU, 2005: p. 269-270, grifo nosso).

A organização dada à lista segue um modelo de autor/obra e quando ela for bem específica sobre uma patologia, esta será indicada. Alerto que ela não se pretende exaustiva, antes, representa os indícios, os sinais e emblemas (GINZBURG: 2009) das patologias representadas nas obras literárias. Cabe, a quem que, por ventura me ler, acrescentar mais nomes e obras.

E, como prudência e a temperança não fazem mal a ninguém, por enquanto me atenho a elaborar minha Lista de Textos Literários, mas pensando na colaboração como objetos, fontes e métodos de pesquisa para a História das Doenças. Faço outra advertência: ela traz uma série de nomes de autores e autoras, brasileiros e estrangeiros, de diferentes nacionalidades, portanto ela é diferente da lista organizada por Joffre Marcondes Rezende (2021), que se prendeu à indicação de literatos de Goiânia e que falaram de doenças em suas obras.

LISTA DE TEXTOS LITERÁRIOS, SEGUNDO NOME DO AUTOR, TÍTULO DO LIVRO E AFECÇÃO PATOLÓGICA ABORDADA

NOME DE AUTOR/AUTORA	TÍTULO DO LIVRO	AFECÇÃO PATOLÓGICA ABORDADA
1.*Luiza Amélia de Queiroz	<i>Georgina ou os efeitos do Amor.</i>	<i>Melancolia e luto</i>
2 Álvares de Azevedo	Noite na Taverna	Melancolia e luto
3 Ana Miranda	A última Quimera	Melancolia
4 Clarice Lispector	A Hora da Estrela	Melancolia/Anorexia
5 Dulce Maria Cardoso	O Retorno	Psicose Maníaco-Depressiva
6 Gustave Flaubert	Madama Bovary	Melancolia
7 Gabriel Garcia Márquez	Cien años de soledad	Melancolia e luto
8 José de Alencar	Iracema	Melancolia
9 José Eduardo Agualusa	Nação Crioula	Melancolia

10 José Lins do Rego	Doidinho	Loucura, Melancolia e Luto
11 João Guimarães Rosa	Estória	Loucura
12 Lima Barreto	Diário do Hospício	Loucura
13 Lima Barreto	O Cemitério dos vivos	Loucura
14 Mia Couto	Rosalinda, A Nenhuma	Melancolia e Luto
15 Mia Couto	O Beijo da Palavrinha	Melancolia e Luto
16 Rachel de Queiroz	Dona Ana Triste (Crônica)	Melancolia e Luto
17 Visconde de Taunay	Inocência	Melancolia e Luto
18 Érico Veríssimo	Olhai os Lírios do Campo	Câncer
19 Chordelos de Laclos	As Ligações perigosas	Variola
20 Carolina Jobbágy	História Clínica (Poemas)	Várias afecções
21 Rachel de Queiroz	O Quinze	Várias afecções
22 José de Alencar	A Alma de Lázaro	Lepra
23 Maria Firmina dos Reis	O Lazarento - poema	Lepra
24 Miguel Torga	O Leproso	Lepra
25 Zofia Kossak	O Rei Leproso	Lepra
26 Gabriel Garcia Márquez	Del Amor y otros demomios	Raiva humana e canina e Lepra
27 Graciliano Ramos	Vidas Secas	Raiva canina
29 Graciliano Ramos	Vidas Secas	Intoxicação Alimentar
29 Gabriel Garcia Márquez	El amor em los timpos del cólera	Cólera morbus
30 Thomas Mann	A morte em Veneza	Cólera morbus (só sentida através do cheiro).
31 W. Somerset Maugham	O Véu Pintado	Cólera morbus
32 Alexandre Dumas (filho)	A Dama das Camélias	Tuberculose
33 Aluísio de Azevedo	O Cortiço	Tuberculose
34 Dinah Silveira de Queiroz	Floradas na Serra	Tuberculose
35 Faria Neves Sobrinho	Morbus Romance Psicológico	Tuberculose
36 Gilberto Freyre	Dona Sinhá e o filho padre	Tuberculose
37 Gabriel Garcia Márquez	El General em su laberinto	Tuberculose
38 Thomas Mann	A Montanha Mágica	Tuberculose
39 Tulio H Montenegro	Tuberculose e Literatura	Tuberculose
40 Albert Camus	A Peste	Peste Bubônica
41 Daniel Defoe	Um diário do Ano da Peste	Peste Bubônica
42 Fiódor Dostoievski	Crime e Castigo	Peste
43 Geraldine Books	Um ano de milagres: um romance dos tempos da peste	Peste Bubônica
44 Giovanni Boccaccio	Decameron	Peste Bubônica
45 Homero	<i>Ilíada</i>	Peste
46 Mário Marcio	Quarentena	Peste Bubônica
47 Noah Gordon	O Físico	Peste Bubônica
48 Sylvie Matton	Eu, a puta de Rembrandt	Peste Bubônica
49 Rodolfo Teófilo	A fome /Violação	Peste Bubônica
50 Susan Quinn	Marie Curie uma vida	Leucemia

2 “Um cânone das obras-primas perdidas no Piauí: *Georgina ou os efeitos do amor*”

“*Georgina ou os efeitos do amor*”, é um romance em verso, escrito por Luiza Amélia de Queiroz, no século XIX. Meu primeiro contato com essa obra literária se deu em 2018, quando fui convidada a participar da conferência de encerramento no IV Colóquio de Literatura e Gênero, no Campus Bacabal, da Universidade Federal do Maranhão. Nessa ocasião, a mesa contava, também, com a presença de Algemira de Macêdo Mendes, professora Associada da Universidade Estadual do Piauí, pesquisadora na área de História da Literatura escrita por mulheres, notadamente do Piauí. Foi nessa ocasião que ela me presenteou com um exemplar do livro de Luiza Amélia de Queiroz. A amável dedicatória “para minha querida das letras e da vida literária”, marcava uma nova etapa de minha vida de leitora, afinal eu entrava em contato com um livro que é muito significativo e relevante para a história da literatura piauiense. Meu espanto não foi menor ao ver que o livro estava listado como “um cânone das obras-primas perdidas do Piauí”. Descobri essa informação, triste, mas preciosa, ao ler a “Apresentação” do livro, feita por Mendes e Ciarlini (2018: p. 7-20). É deles a narrativa de que o livro de Luiza Amélia de Queiroz teve duas edições. A primeira, datada de 1892 teve uma “Introdução” escrita por Francisco Dias Carneiro, um crítico literário maranhense que considerou “*Georgina ou os efeitos do amor*”, um romance escrito em formas de verso, “um belo poema, que há de honrar a literatura nacional” (CARNEIRO: 1892, 2018, p. 41). Após isto, o livro desapareceu das livrarias e bibliotecas, entrando para “o cânone das obras-primas perdidas do Piauí” (MENDES; CARLINI: 2018, p. 7).

Este sumiço da obra se deu até ser reencontrada “somente em 2009, entre um conjunto de livros antigos em uma livraria de novos e usados no estado do Amazonas”, (MENDES; CARLINI: 2018, p. 7). A partir da recuperação de exemplares, em 2009, na cidade de Manaus, no acervo de uma livraria de livros usados, ele foi republicado em 2018, na cidade Teresina, pela EDUFPI.

Devido a essa importância histórica e literária, o livro foi indicado como o número um na lista de obras literárias passíveis de serem usadas como fonte de pesquisa.

2.1 Emblemas da Melancolia: de Canto em Canto ou Pai! afasta de mim esse cálice

Este título de seção foi elaborado porque, inicialmente, se pensou em estudar os emblemas e sinais da Melancolia, nos cinco cantos que compõem o romance escrito por Luiza Amélia de Queiroz. Deste modo primeiro eu fiz a pergunta: O que é Melancolia? Depois, usando o modelo de análise de François Laplantine (2004) foram elaboradas mais perguntas que dessem subsídios para escrever sobre a presença da Melancolia, de Canto em Canto. Por tanto quis saber: Quais as “palavras-chave e ideias-força” (LAPLANTINE: 2004, p. 37) que estão presentes no romance de Luiza Amélia de Queiroz, sugerindo a ocorrência da Melancolia? Quais as “palavras-chave” e “ideias-força”, que estão presentes no romance analisado? Qual sua frequência? São constantes? São Esporádicos?

Depois, cheguei a estudar uma definição dessa afecção “A melancolia não se trata de uma

reação regressiva a perda do objeto de amor, mas a capacidade fantasmática de fazer surgir como perdido um objeto que nunca foi possuído” (SOARES: 2015, p. 114). Mas isso não bastava. E partir disso, estruturou-se um pensamento de fazer uma pesquisa, muito apurada, sobre a Melancolia. Partiu-se para pesquisar, nos dicionários de Língua Portuguesa, a etimologia da palavra e percebeu-se que a cor negra está em seu prefixo *Melan*, portanto significa “negro, sombrio, triste e funesto”, ao passo que Melancolia é resultante da junção entre Melan+chole é biliar, fel veneno, portanto a Melancolia diz respeito ao estado de tristeza e depressão. De posse desses sinais e sabendo-se da relação do fel e da biliar com os humores, deu-se início a uma caça dos escritos da Antiguidade para achar melhores informações, foi quando recorri ao estudo de Henrique Cairus (2005), autor que fez uma excelente organização dos textos da verve hipocrática. Foi nessa coletânea que me deparei com um escrito de Polibo, discípulo e genro de Hipócrates. Trata-se do trabalho “Da natureza do Homem” (CAIRUS: 2005, p. 39-59) cujos primeiros tratados explanam sobre a teoria dos quatro humores, dos quatro elementos e das quatro estações do ano em sua correlação com o estado melancólico, porque a biliar negra participa da tristeza. À medida que me aprofundava nessa leitura de humores, fui percebendo sua aproximação com a filosofia pré-socrática. Aí, fui atrás de ler História da Filosofia, escrito por Julian Mariás (2004) e percebeu-se a intrínseca relação com Anaxágoras. Porém, buscando entender mais sobre questões conceituais e as características clínicas e seus sinais clínicos, realizou-se a leitura de Charles-Louis-François Andry (1785). Mas aí, lembrei que Georgina era uma jovem do século XIX, moradora dos sertões do Piauí, filha de um comendador e noiva de um Visconde. Ora, sendo uma aristocrata, devia ter uma ascendência portuguesa, então fiz as análises de Moacyr Scliar (2003: 2021), que nos fala da Melancolia nos Trópicos e de como ela acompanhava, naturalmente os portugueses. Sim, estava explicada essa parte, mas faltava algo mais. Prestei a atenção no ambiente que Georgina morava, sim era a Casa Grande, imediatamente fui buscar em Gilberto Freyre (2013) e toda a análise freyreana serviu de aporte teórico para compreender Georgina em seu mundo. Mas, falar de mulheres, a partir de um escritor masculino me aborreceu e fui buscar alguém que me desse melhores argumentos, foi quando encontrei o trabalho de Maria Ângela Dincana (2010). Quando percebi que os conflitos de amor de Georgina, busquei informações em C.S Lewis (2009). E, ao perceber que todos e os sofrimentos de Georgina e sua Melancolia eram decorrentes do amor e da morte, imaginei em perdas e luto. Então, foi demais para mim, porque percebi ser necessário enveredar pelo caminho da Psicanálise e ler Sigmund Freud (1915,2021). O trabalho dele sobre Luto e Melancolia não é difícil de compreender, mesmo assim e por não ter maiores domínios sobre o campo das afecções de natureza psicológica ou psicossomática, não senti segurança de avançar nas pesquisas.

Apesar desse percalço, ou viés de pesquisa, eu resolvi usá-lo como um outro o objetivo deste trabalho. Para refletir sobre razão e sensibilidade. Não é porque um objeto ou um tema de pesquisa sejam interessantes de pesquisar, que sejamos hábeis para estudá-lo, porque existem barreiras próprias que nos impedem. É nesse contexto que indico trabalho, muito bom, para pensarmos sobre as leituras e interpretações de texto. É da autoria de Maria Carlota Rosa (2010, p. 171), tratando da Linguística nos estudos sobre a História das Doenças. Para a autora existem “*problemas materiais que podem interferir na leitura do texto...dentre as questões linguísticas*

focaliza-se o vocabulário técnico”. Por isso, parei minha análise da melancolia e pensei que esta seção de trabalho poderia, ter esse título: Emblemas da Melancolia: de Canto em Canto ou Pai! afasta de mim esse cálice

Considerações finais

A escrita das Considerações finais de um texto científico, nunca é do modo que eu gostaria que fosse. Se houvesse uma liberdade criativa, eu concluiria este trabalho com a frase final de Antônio Paulo Rezende (2012, p. 160) “O encanto nunca justifica um ponto final”, para dizer que uma pesquisa não pode encerrar em si mesma, ao contrário, ela deve colaborar para a ciência alcançar a Ciência. Isto tem desde que a primeira mulher resolveu comer o fruto da árvore do conhecimento, a partir do que, nunca mais, as criaturas humanas ficaram na alienação ou deixaram de se mover, tanto para diante, quanto retrocederam. Por isto, podemos pensar no leque benjaminiano

Considero relevantes as colaborações que a presente pesquisa deu ao campo da História das Doenças, novas fontes, objetos e métodos. Pelo menos foi este um dos objetivos da pesquisa e, ao fazer a indicação de documentos oficiais, como a Mensagem enviada à Assembleia, favorecendo o endereço eletrônico de acesso, considero que, talvez, seja nova fonte através da qual outros Relatórios, desde o ano de 1830, poderão ser analisados.

A indicação do romance “Georgina e os efeitos do amor” poderá servir de fonte de pesquisa, não só sobre a Melancolia, mas sobre o Patriarcado, o ambiente rural, as canções de trabalho, a escravidão no Piauí, a História da Mulheres, a rivalidade entre os duplos miméticos como chave para a violência...de fato, esse romance constitui um leque que precisa ser aberto e reaberto inúmeras vezes.

E, por fim, e a partir do que Michel de Certeau (2005, p. 270), quando disse que o leitor habita um texto adormecido e o desperta, faço as seguintes provocações, a quem ler este trabalho: Qual texto, entre todos os indicados, você, leitor ou leitora, habitaria e despertaria? Viajaria tal qual um nômade e caçaria por textos que não foram escritos por você? O que será que você achará?

Referências

ANDRY, Charles-Louis-François. *Recherche sur Mélancolie*. Paris: Imprensa do autor, 1785. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k6562127p#>. Data de acesso: 09 de maio de 2021.

BARRETO, Angela Maria. *Memória e leitura: as categorias da produção de sentidos*. Salvador: EDUFBA, 2006.

BENJAMIN, Walter. Leque. In: BENJAMIN, Walter. *Rua de Mão Única*. Obras escolhidas, v.2, São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 41.

BITTENCOURT, Circe M. Fernandes. *Ensino de História: fundamentos e métodos*. São Paulo:

Cortez, 2008.

CARNEIRO, Francisco Dias. Introdução. In: QUEIROZ, Luiza Amélia de. *Georgina ou os efeitos do amor e outros escritos inéditos*, 1ª. Ed, 1893/ Algemira de Macêdo Mendes; Daniel Castello Branco Carllini (Orgs). Teresina/PI, 2018 Teresina/PI, 2018, p. 21-41.

CHALHOUB, Sidney; MARQUES, Vera Regina Beltrão; SAMPAIO, Gabriela dos Reis; GALVÃO SOBRINHO, Carlos Roberto (Orgs). *Artes e ofícios de Curar no Brasil*. Campinas/SP: UNICAMP, 2003.

CAIRUS, Henrique. Da natureza e do Homem. In: CAIRUS, Henrique. *Textos Hipocráticos: o doente, o médico e a doença*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2005, p. 39-59.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. Artes de fazer. Petrópolis/RJ: Vozes, 2005, p. 268-270.

DINCANA, Maria Ângela. Mulher e família burguesa. In: DEL PRIORI, Mary (Org); PINSKY, Carla Bassanezi (Coordenadora de textos). *História das Mulheres no Brasil*. 9ª. Ed, São Paulo: 2010, p. 223-240..

ENGEL, Magali Gouveia. A loucura, o Hospício e a Psiquiatria em Lima Barreto: críticas e complicitades. In: CHALHOUB, Sidney; MARQUES, Vera Regina Beltrão; SAMPAIO, Gabriela dos Reis; GALVÃO SOBRINHO, Carlos Roberto (Orgs). *Artes e ofícios de Curar no Brasil*. Campinas/SP: UNICAMP, 2003, p. 57-98.

FREYRE, Gilberto. *Casa Grande & Senzala*. São Paulo: Global, 2006, 2013.

ESTADO DO PIAUÍ. *Mensagem à Câmara Legislativa pelo Exmo. Sr. Dr. Eurípedes Clementino de Aguiar, Governador do Estado do Piauí, no dia 1º. de Junho de 1919*. Teresina: Tipografia O Piauí, 1919. Disponível em: http://memoria.bn.br/pdf/720470/per720470_1919_00001.pdf. Data de acesso: 06 de maio de 2021.

FERREIRA, Antônio Celso. A fonte fecunda. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Orgs). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2015, p. 61-92.

FREUD, Sigmund. *Luto de Melancolia*. Tradução de Marilene Carone. São Paulo, SP:

Cosac Naify. (Trabalho original publicado em 1915). Disponível em: https://clinicasdotestemunhosc.weebly.com/uploads/6/0/0/8/60089183/luto_e_melancolia_-_sigmund_freud.pdf. Data de acesso: 26 de maio de 2021.

GINZBURG, Carlo. Sinais. Raízes de um Paradigma Indiciário. In: GINZBURG, Carlo. *Mitos, Emblemas, Sinais*. Morfologia de uma História. São Paulo: Companhia das Letras, 2009, p. 143-179.

LAPLANTINE, François. *Antropologia da Doença*. São Paulo: Martins Fontes: 2004.

LE GOFF, Jacques. *As doenças têm história*. Lisboa: Terramar, 2ª Ed., 1997.

LEMAIRE, Ria. O mundo feito texto. In: DECCA, Edgar Salvador de; LEMAIRES, Ria (Orgs.). *Pelas margens: outros caminhos da história e da literatura*. Campinas; Porto Alegre: UNICAMP; EDFURGS, 2000, p. 9-13.

LEWIS, C. S. *Os quatro amores*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

MENDES, Algemira de Macêdo; Daniel Castello Branco Carllini (Orgs). Apresentação. In: *Georgina ou os efeitos do amor e outros escritos inéditos*. Luiza Amélia de Queiroz, 1ª. Ed, 1893/ Algemira de Macêdo Mendes; Daniel Castello Branco Carllini (Orgs). Teresina/PI, 2018 Teresina/PI, 2018, p. 7-20.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Ciência, técnica e arte: o desafio da Pesquisa Social. In: DESLANDES, Suely F.; OCATÁVIO CRUZ NETO, Romeu Gomes; MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Pesquisa Social: teoria, método, criatividade*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2001, p. 9-29.

MINDLIN, José.. Rio de Janeiro: Agir, 2009.

MOURÃO, Sabrinna Alento. In: MOURÃO, Sabrinna. *Ponto crítico da noite*. Recife: - Editora Micélio, 2020.

NOAL, Sara Monique. História e Literatura: considerações de ordem teórico-metodológicas acerca das obras de Carolina Maria de Jesus. *Contraponto* - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI. Teresina, v. 9, n. 2, p. 319-331, 2020.

QUEIROZ, Luiza Amélia de. *Georgina ou os efeitos do amor e outros escritos inéditos*. Luiza Amélia de Queiroz, 1ª. Ed, 1893/ Algemira de Macêdo Mendes; Daniel Castello Branco Carllini (Orgs). Teresina/PI, 2018, p. 43-92.

QUEIROZ, Teresinha; ELGEBALY, Maged; FERREIRA, Ronyere. Apresentação. *Contraponto* - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História do Brasil da UFPI. Teresina, v. 9, n. 2, p. 11-20, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/contraponto/article/view/12612>. Data de acesso: 28 de maio de 2021.

ROSA, Maria Carlota. Um lugar da Linguística nos estudos sobre a História das Doenças. In: NASCIMENTO, Dilene Raimundo do; CARVALHO, Diana Maul de; LACERDA, Aline Lopes de et. Al. *Uma história brasileira das doenças*, v.3. Belo Horizonte/MG: Argumentum, 2010, p. 171-186.

REZENDE, Antônio Paulo. As fronteiras nômades e as hermenêuticas da vida: História e Literatura. In: BARBOSA, Cibele (Org). *Teoria da História e Historiografia: debates pós-68*. Recife: Massangana, 2012, p. 153-160.

REZENDE, Joffre Marcondes de. *Patologia médica na literatura regional goiana*. Disponível em: <http://www.jmrezende.com.br/patologiaMedicaGO.html>. Data de acesso: 14 de dezembro de 2020.

RUIZ, Rafael. *O Espelho da América: de Thomas More a Jorge Luis Borges*. Florianópolis: EUFSC, 2011.

SCLIAR, Moacyr. *A paixão transformada: história da medicina na literatura*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SCLIAR, Moacyr. *Saturno nos Trópicos. A Melancolia europeia chega ao Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SCLIAR, Moacyr. *Melancolia na literatura*. Disponível em: <http://stat.ijie.incubadora.ufsc.br/index.php/cbsm/article/viewFile/995/1101>. Data de acesso 09 de maio de 2021.

SOARES, Sylvia Salles Godoy de Souza. Ensaio sobre a melancolia: suas origens, sua dialética, seus caminhos tortuosos e seu destino inelutável. *Revista Brasileira de Psicanálise* vol.49 no.2, p. 105-116, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/a/SgtgR9xSwqBSYjr5Mm3WSw-G/?lang=pt&format=pdf>.

TORRESINI, Elizabeth Rochadel. *História e Literatura*. Porto Alegre: Litteralis, 2007.

Artigo submetido em 25/05/2021

Aceito em 09/06/2021